

# dependências

SÓ PARA  
PROFISSIONAIS

MAIO 2007

## XX Encontro das Taipas

31 de Maio a 2 de Junho

Investigação  
em Português:  
cá se fazem...  
aqui se divulga!

Açores: Ponte liga  
Arte e Desporto



# Projecto de criação de associação de defesa de consumidores de drogas lançado no Porto

Com o intuito de lançar uma discussão em torno dos princípios orientadores da redução de riscos em Portugal, a Agência Piaget para o Desenvolvimento realizou, no passado dia 10 um encontro entre Gerard Theo Van Dam, um percursor de associações de defesa de consumidores de drogas e vários decisores políticos. A par da reunião celebrada, e aproveitando a presença deste “apaixonado técnico holandês, a APDES organizou um conjunto de sessões de trabalho com técnicos provenientes de equipas de rua como a GiruGaia, do Centro Social de Paramos, da Associação Nacional das Farmácias, da Fundação FILOS, da Coordenação Nacional de Luta Contra a Sida, responsáveis nacionais de saúde e, particularmente, de pneumologia e com... toxicodependentes! À promoção da constituição de uma associação de defesa dos consumidores de drogas, a demonstração da importância das salas de consumo higiénico e o desenvolvimento de sessões de formação destinadas a técnicos de saúde e sessões de sensibilização com agentes policiais e decisores políticos, juntou-se uma acção que terá tido tanto de insólito como de louvável: a reunião com um grupo de toxicodependentes numa universidade para troca de vivências e de conhecimentos ressalvou e legitimou ainda mais a necessidade da participação dos utilizadores de drogas na concepção de estratégias de redução de danos. Pelo meio, era visível o acréscimo de empreendedorismo e auto-estima entre todos os presentes...

No rescaldo desta inusual semana, Dependências falou com Theo Van Dam.

**Dependências (Dep) – Até que ponto será proveitosa a criação de uma associação entre os consumidores de droga?**

**Theo Van Dam (TVD)** - Estou plenamente convicto de que os utilizadores de drogas possuem um enorme manancial de informação acerca do que se passa na rua. Por mais que interagamos com assistentes sociais, com profissionais da área da redução de riscos ou com psicólogos, não conseguiremos termos uma noção do terreno e da realidade como aquela que os consumidores vivem. E se pretendermos realmente reduzir riscos para os utilizadores e para a sociedade é muito importante que usemos o poder das ruas.

**Dep – Por aquilo que lhe foi possível observar, como avalia o trabalho realizado em Portugal ao nível da redução de riscos?**

**TVD** – Parece-me que o trabalho, no seu essencial, se resume à troca de seringas. E, no que concerne a este tipo de programa, que é, obviamente necessário, creio que estará bastante bem organizado. Mas, do meu ponto de vista, há que fazer muito mais do que apenas trocar seringas. Neste últimos dias, tive a oportunidade de conversar com assistentes sociais e com decisores políticos e chegámos à conclusão de que temos que colocar um ênfase e prestar uma atenção muito maior na vertente saudável dos consumidores. Para lhe dar um exemplo muito simples, posso relembrar um episódio que vivi com uma mulher que consumia de heroína há anos, a quem estava habituado apenas a facultar as habituais práticas de troca de seringas e de distribuição de preservativos porque estava a trabalhar igualmente no negócio do sexo, e que, um certo dia, se dirigiu a mim e me disse: “Theo, estou farta dos teus preservativos, preferia que me oferecesses um batom!” Então, decidi oferecer-lhe um batom e, no dia seguinte, quando a interpelei, disse-lhe: Estás bonita! Ao que me respondeu: “Eu não estou bonita, eu sou bonita!” E, passada uma semana, fez questão de me mostrar, com orgulho, uma nova t-shirt que tinha comprado, algo que não fazia há anos. O seu auto-respeito e auto-estima tinha realmente crescido... E isto só prova que, com pouco investimento, se pode realizar um bom trabalho com estas pessoas. Promovendo conversas como estas, realizando um trabalho de maior proximidade, podemos potenciar um maior cuidado por parte destas pessoas com a sua





saúde, com o seu corpo e com o seu aspecto. E isto, a meu ver, é pura redução de riscos.

**Dep – Terá então que existir uma relação muito próxima entre o técnico e o consumidor...**

**TVD –** Sem dúvida! Eles têm que confiar em nós. E, pelo que constatei, em Portugal têm havido tempos limitados pelos fundos consagrados. E se procedermos a uma avaliação consistente constataremos que, durante esses períodos em que os utilizadores estão privados da existência dos programas de redução de riscos, se produzem severos danos, quer para os consumidores, quer para a sociedade. Mas também fere os profissionais da área, porque estes dependem da relação de confiança e de respeito que geram e isso leva muito tempo a produzir e a alcançar. Especialmente, se falarmos daqueles grupos mais problemáticos...

**Dep – Quanto de paixão existe neste trabalho?**

**TVD –** Muito mesmo! Por vezes digo que, quando não nos chateamos ou nos preocupamos com este trabalho, fracassamos. Esta é a minha verdadeira paixão, da mesma forma que luto por todo o tipo de direitos humanos ou até pelos direitos dos animais. Mas devo confessar que tenho especial apreço por este trabalho junto de utilizadores que se encontram numa situação muito difícil, no sentido de se mostrarem, de demonstrarem as suas reais necessidades e de o fazerem de uma forma real e respeitada. Trabalho nesta área há mais de 30 anos e nunca tive qualquer tipo de problema com consumidores. Nunca ninguém me agrediu, talvez porque sempre os respeitei e bem tratei, logo, conquistei a sua confiança.

**Dep – Recordo-me de um técnico, um psiquiatra espanhol coordenador de um plano municipal sobre drogas, ter afirmado, em entrevista à Dependências que, em consonância com o autarca para quem trabalhava, estava no terreno para trabalhar livremente e o político viria depois colher os votos resultantes desse mesmo trabalho definido pelos técnicos que contratara. No entanto, esta não parece constituir uma realidade muito comum...**

**TVD –** Acredito mas, por aquilo que me é dado a observar, os políticos não demonstram muito interesse pelos utilizadores de drogas. Não se trata de um assunto muito popular, não vejo políticos reclamarem uma posição mais participadora por parte dos toxicodependentes nem sequer a fazer algo junto da sociedade para que a imagem que esta conjectura sobre os mesmos modifique. Quando ouvimos um político afirmar que

vai baixar os impostos, tendemos a votar nele mas, quanto aos toxicodependentes, se não forem eles próprios a lutar pela defesa das suas necessidades...

**Dep – Tem vindo a insistir na necessidade de envolver as forças policiais no que concerne a uma intervenção integrada em matéria de toxic dependência. Que papel lhes deverá ser atribuído?**

**TVD –** Nestes dias em que tive a oportunidade de partilhar experiências convosco, referi um exemplo prático: na altura em que concebi e iniciei uma sala de consumo higiénico, então de forma ilegal, na Holanda, um polícia local veio ter comigo e disse-me: “Theo, tu sabes que isto não é permitido”, ao que eu ripostei: “Por favor, venha tomar um café comigo e teremos a oportunidade de conversar sobre isto”. E no final da conversa, o agente policial prometeu-me que nada diria ao seu chefe pois, caso contrário, se defrontaria ele próprio com mais problemas para resolver quando encontrasse os consumidores nas ruas. E, uma semana mais tarde, chegou ao ponto de me trazer um indivíduo que já tinha “apanhado” a consumir três vezes no mesmo dia em plena rua, dizendo-me que seria preferível que o fizesse no interior das instalações que eu tinha concebido para o efeito. Portanto, creio que é indispensável que tenhamos as forças policiais sensibilizadas para estas temáticas, para aquilo que constituem as práticas mais adequadas para que possamos viver numa sociedade melhor, independentemente dos deveres legais que assistem a cada um no exercício da sua profissão.

**Dep – Actualmente, como é sabido, a introdução de salas de consumo assistido tem estado em discussão em Portugal. Levantam-se questões acerca do formato do dispositivo a adoptar, nomeadamente, se deverá ser fixo ou móvel, se deverá destinar-se exclusivamente ao consumo assistido ou usufruir de mais valências... Que conselhos daria em relação a estas opções?**

**TVD –** Partindo daquele que é o meu conhecimento da realidade portuguesa, e concentrando-me apenas no caso da cidade do Porto, pelo que me foi dado a observar, creio que, para começar, e ponderando também o aspecto financeiro, a solução mais adequada e menos dispendiosa passaria pela implementação de uma sala de consumo móvel, talvez destinada a um número limitado por dia de utilizadores. Com uma estrutura deste tipo pode estabelecer-se um contacto real e efectivo com os utilizadores e realizar um trabalho sério ao nível da redução de danos, ensinando procedimentos, por exemplo, acerca de injeção mais segura e menos danosa.